

QUEM não foi quarta-feira última ao TCA pode estar certo de que perdeu um dos mais belos espetáculos já encenados em São Paulo. Saímos entusiasmados do teatro da rua Nestor Pestana e quando escrevamos a nota saída ontem sobre "O escriturário", ocorreu-nos de apelar à sra. Helena Junqueira ou a Sílvia Chechia do Santana, para que um ou outro facilite a apresentação do mimodrama numa segunda-feira, no Leopoldo Fróis, ou então no teatro da rua 24 de Maio.

Seria deveras lamentável que um espetáculo da categoria desse tivesse sua documentação e cenários arquivados no almoxarifado da EAD. O público paulista se veria privado de assistir a uma bela realização.

Na nota anterior não pudemos registrar o nome dos demais colaboradores de Luis de Lima. Assim, merece especial menção o desenho do guarda-roupa. Hércules Barsotti, Badia Vilató e Luis de Lima vestiram as figuras numa linha única, presa ao corpo do interprete, servindo-se apenas do preto e do cinza. Mas a função dessa indumentaria, aproveitada de forma ma-

Ronda

CAVALHEIRO LIMA

gistrar, impôs o guarda-roupa como um dos pontos altos do espetáculo. A conjugação da música de Sousa Castro e da arquitetura cênica de Vilató, deu ao mimodrama um estilo de pureza essencial, em última análise sua razão ser como linguagem dramática. Essa harmonia primária à primeira vista, de elaboração complexa como um poema, foi o maior triunfo do diretor.

Para os que assistiram "o escriturário" por certo deve ter surgido o problema: estamos vendo um "ballet" silencioso ou a agonia de uma forma antiga de expressão da pantomima travestida no moderno mimo?

No entanto, o que estava diante dos nossos olhos era antigo e era contemporâneo, sutilmente expressado para uma emoção moderna, de nosso mundo atual. A atualidade do mimo vem de seu domínio universal, confundindo-se com o rito sagrado e a invenção profana do artista.

Ao retermos estas, linhas nos surpreendemos a dizer, numa linguagem talvez confusa, palavras que só podem ser entendidas pelos que viram "O escriturário". Por isso escrevendo sobre esse mimodrama nos vem uma espécie de sede do poema. Ele nos arrebatou em suas asas humanas. Ainda continuamos sob seu ritmo profundo, com a lembrança das figuras escuras movendo-se num mar intimo de sombras e de luz. O melhor será formular votos para que a EAD volte com seus mimos ploriosamente criados por Luis de Lima.